

dma - 2006

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

**Quem encontra
uma casa encontra
um tesouro**

Nº 7 / 8 julho e agosto

SUMÁRIO

Editorial	Sentir-se em casa	pág. 4
Dossiê	Quem encontra uma casa encontra um tesouro	pág.5
Banco de dados		pág.13
Diálogo	A água da vida	pág.15
O tema	Jamais uns sem os outros	pág.17
Escrever	Escrever para viver	pág.20
Fio de Ariadne	Quem família? Qual espírito de família?	pág.23
Mundos dos jovens	Sul da África a voz dos jovens	pág.27
A outra economia	Pequenas coisas para grandes contribuições	pág.29
Vozes de mulheres	Campeãs da antiglobalização	pág. 31
É vida	O que é engenharia genética.	pág. 34
Direito de acesso	direito de acesso a.... Partilhar	pág.35
Camilla	Viva a vida ... fraterna	pág.38
Fórum		pág.40
Próximo número		pág.40

DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 – 00139 – Roma – RM

Tel: 06 / 87.27.41

Fax: 06/ 87.13.23.06

e-mail: dmariv2 cgma.org

Diretora responsável: Mariagrazia Curti.**Redação**

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino.

Colaboradoras:

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Mariola Klos – Enamary MacDonald – Anna Mariani – Cristina Merli – Marisa Montalbetti – Maria Helena Moreira – Concepcion Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Rossella Raspanti – Manuela Robazza – Maria Rossi – Josefa Vicente.

Tradutoras:

Francês – Vittoria ravano – Odile Van Deth.

Japonês – Inspetoria Japonesa.

Inglês – Louise Passero.

Polaco – Inspetorias polacas.

Português – Elizabeth Pastl Montarroyos.

Espanhol – Amparo Contreras Alvarez.

Tedesco – Inspetorias austríaca e tedesca.

Edição Extra Comercial:

Instituto Internacional Maria Auxiliadora.

00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81. c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma nº 13125 de 16 / 01 / 1970 – exped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, lei 662/96 – filial de roma – nº ½ janeiro – fevereiro 2006 – Tip. Instituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 – Roma.

EDITORIAL

SENTIR-SE EM CASA

Giuseppina Teruggi

Em Valencia (Espanha) de 1 a 9 de julho se desenvolve o V Encontro mundial das Famílias com o tema: **“A transmissão da fé na família”**. Um grande encontro de fé e de festa que envolve milhares de mulheres, homens, jovens provenientes de todo o mundo. Um evento que sempre provoca admiração na imprensa leiga e suscita entusiasmo e gratidão em milhões de pessoas, crentes ou não, que na família crêem fortemente. A presença de Bento XVI em algumas das jornadas sublinha a importância da família – berço da vida e do amor – e o valor que a Igreja atribui a elas, porque atua o projeto de Deus e responde às esperanças profundas da pessoa: encontrar calor, acolhida, liberdade de ser ela mesma. Necessidade de sentir-se em casa!

A família Salesiana é empenhada este ano a assegurar uma especial atenção à família (cf Estréia do Reitor Mor).

Da família se fala hoje de tantos modos e em tantos contextos. Os meios de comunicação tratam cotidianamente, muitas vezes atacando com violência o próprio conceito e colocando como alternativa formas variadas de convivência. Daqui também derivam as ambivalências e a confusão que tocam os próprios protagonistas, genitores e filhos.

Uma análise atenta sobre a crise da família foi feita recentemente no documento Família e procriação humana, publicado nos primeiros dias de junho pelo Pontifício Conselho para a Família. Nele se fala que *“a família é co-natural da pessoa e foi instituída por Deus”*. *Porém hoje o homem tornou-se um enigma para si próprio e vive a crise mais aguda de toda a história em sua dimensão familiar: a família é objeto de ataques como jamais foi visto no passado; os novos modelos de união a destroem; as técnicas de procriação comprometem totalmente o amor humano; as políticas de controle da natalidade conduzem ao atual “inverno demográfico”*.

A confusão em que muitos hoje vivem pode refletir-se também em nossas comunidades educativas e em nossa própria vida. Qual modelo de família é possível realizar na comunidade? Existe uma referência válida para continuar a falar de espírito de família, elemento que tem caracterizado o nosso Instituto desde as suas origens?

Num dos artigos das Constituições que conhecemos bem e que, talvez, desde sempre nos tem particularmente fascinado, podemos individualizar de modo límpido a realidade, as motivações, as exigências do espírito de família, “*força criativa do coração de Dom Bosco que deve caracterizar as nossas comunidades e o empenho de todas*” (Const. 50).

Não deve ser superado o quadro traçado por este e pelos outros artigos sobre *A nossa vida fraterna*. De fato, é difícil pensar em vias alternativas para construir nas comunidades um *clima de confiança e de alegria, a ponto de envolver as jovens e todos que vivem conosco*. A comunidade onde se respira ar de casa e onde cada uma pode experimentar uma comunhão de vida que “*se torna também resposta às íntimas exigências do coração humano e o dispõe à doação apostólica*” (Const. 49).

Percebemos profundamente o desejo de sentir-nos em casa em nossa comunidade, de “*recuperar a autenticidade e a transparência das relações humanas*” (Circ. 876), sobretudo quando assistimos ou experimentamos as funcionalizações preponderantes.

Juntos com as/ os jovens, com os pais, com os leigos, com quem partilha conosco a missão, podemos colocar gestos concretos para que as nossas casas continuem a testemunhar que é possível viver as intuições de Dom Bosco e Maria Domingas Mazzarello. Também no terceiro Milênio.

DOSSIÊ

QUEM ENCONTRA UMA CASA ENCONTRA UM TESOURO.

*Giuseppina Teruggi
Julia Arciniegas*

Em sua carta do dia 24 de maio passado (Circ. 876), a Madre nos presenteou um reflexão muito bela sobre o tema “*Juntas para testemunhar e anunciar o amor*”. Referência direta era para a comunidade educativa com o seu rosto de ambiente aberto, partilha indispensável para uma fecunda ação pastoral (Const. 68).

Vários artigos das Constituições nos colocam nesta ótica. São os artigos relativos *À nossa vida fraterna* (art. 49 – 62), que nos abrem com uma afirmação transparente: “*Viver e trabalhar juntas em nome do Senhor é um elemento essencial da nossa vocação*” (Const. 49).

Características indispensáveis do viver juntas, que permitem realizar uma comunidade que se torne casa, é o “*espírito de família, força criativa do coração de Dom Bosco*” (Const. 50). A Madre o descreve como “*expressão concreta da espiritualidade partilhada*”, para tornar “*as comunidades educativas testemunhos daquela experiência de acolhida e de afeto da qual não raro os jovens são privados*” e para recuperar “*a autenticidade e a transparência das relações humanas*” (Circ. 876).

Alguns testemunhos de FMA empenhadas nas comunidades educativas, em diversos contextos continentais, nos permitem perceber a vitalidade e a paixão apostólica com as quais elas tecem redes de comunhão em seus ambientes, que sabem tornar *casa, família*.

Ir. Nadia Aidjian, de Lyon (França), escreve: “Experimento que “*Viver e trabalhar juntas...*”, como diz o artigo 49 das nossas Constituições, não é reservado somente para a comunidade religiosa... Sinto que posso vivê-lo com todos os membros da comunidade educativa. Mesmo que os leigos não tenham feito, e não fazem, o mesmo caminho de fé, de esperança, de caridade,

todos juntos, religiosos e leigos, podemos encontrar para viver e trabalhar juntos a serviço dos jovens. Quando eles dizem “*em Dom Bosco, em Madre Mazzarello, encontramos a pedagogia e a espiritualidade que queremos viver, que corresponde ao nosso modo de educar os jovens...*”, significa que também os leigos e as leigas são portadores de carisma salesiano...

Eles pedem um conhecimento sempre mais profundo de Dom Bosco, de Madre Mazzarello, criam ligações de amizade entre eles, se encontram numa rede nacional para partilhar experiências, alegrias, esperanças... em determinadas situações se interrogam: “Como faria Dom Bosco hoje diante deste jovem em grande dificuldade?”

Quando escuto os leigos disserem: “*a nossa congregação*”, “*nós salesianos leigos*”, então penso que a colaboração, a co-responsabilidade, a comunhão crescem com a força do Espírito que nos acompanha e nos ajuda, que faz surgir novas vocações salesianas leigas... E me certifico que o carisma salesiano vai além de nós, que nós não somos “*donos*” deste carisma, mas “*servidores*” para o bem e a alegria dos jovens e da Igreja.

Uma outra experiência muito significativa é também a de **Ir. Leonor Salazar**, animadora de uma comunidade em **Saltillo (México)**. Ir. Leonor afirma: Partilhar a missão com o pessoal leigo é uma bela experiência de Igreja, que me faz sentir parte viva da grande família de Jesus, animada pela mesma fé. Descubro nos leigos a mesma sintonia do Espírito que nos leva para os caminhos do Reino, movidos todos pelo desejo de que o

Evangelho penetre as estruturas sociais, civis...

Tive a sorte de trabalhar com leigos / leigas muito empenhados na vida matrimonial, no mundo do trabalho, animados pelo desejo de conhecer Jesus mediante o testemunho da sua vida simples, dos acontecimentos do cotidiano tecidos de Evangelho. Partilhei a experiência do amor de Deus tornado concreto no seu amor de esposos e pais e, no meu caso, do amor sponsal por Cristo e pela comunidade FMA. Todos nos reencontramos no amor dos jovens e das jovens, raiz de cada relação e de toda a ação apostólica. Construimos uma relação de enriquecimento recíproco que permite de nos aproximarmos mais da sensibilidade das pessoas, e de compreender como viver o evangelho para ser missionários envolvendo outros membros da comunidade educativa para ao sair de casa levar a Boa Notícia para outras pessoas.

Não faltam as dificuldades, mas o meu sonho é aquele de chegar a criar um autêntico ambiente de família segundo o estilo de Dom Bosco, no qual cada membro viva a riqueza da sua vocação específica, sintam-se valorizados e amados por aquilo que é, de modo tal que a Vida se comunique e todos possam aprender uns dos outros.

De Angola (África), Ir. Giovanna Conchi narra: “Para mim partilhar a missão com os leigos significa poder dar voz a quem vive dia por dia a vida simples das pessoas. Creio que a nossa missão educativa – evangelizadora – torna-se significativa somente se existe abertura e diálogo com os nossos irmãos leigos.

Gozo quando encontro jovens que colaboram conosco e sentem a “nossa escola, os nossos cursos como próprios”. É belo e me faz acreditar que é possível a colaboração e a comunhão. Não digo que seja sempre fácil e que se possa chegar com todos à mesma profundidade de comunhão, mas o fato que se experimente com alguns é sinal de que já se vive alguma coisa.

Creio na comunidade educativa e sonho que o nosso *colaborar com os leigos passe de vê-los como dependentes para senti-los como colaboradores com os quais se programa, se pensa, se projeta e se avalia, sem ter medo das críticas que às vezes possam fazer-nos e sem ter medo de que possam entrar “muito” em nossa vida.*

Creio que pela colaboração se possa passar para uma relação mais profunda, para a amizade e a partilha daquilo que nós e eles levamos no coração.

Espero que o estudo das *Linhas orientadoras da missão educativa*

das FMA, programado e feito junto, possa permitir-nos um verdadeiro caminho de colaboração e comunhão”.

Ir. Elia Maria Flores, animadora de uma comunidade educativa em **Granada (Nicarágua)** afirma: “O carisma de Dom Bosco e Madre Mazzarello continua a atrair pessoas em todos os ângulos da terra, porque trabalhar como salesiano/a quer dizer trabalhar com coração e diante do amor é difícil resistir. Os leigos e as leigas sabem dar vida ao carisma e estão dispostos a doar a vida para que ele continue a dar frutos. É muito belo constatar que tantos professores vivem com paixão a tarefa de animadores e animadoras entre os / as jovens, como testemunhas do Evangelho. Nos pedem para partilhar o Carisma, não somente com as palavras, mas com a vida. Chegam a desculpar as nossas fraquezas, FMA, quando partilhamos a missão com sinceridade.

Sou convicta de que a co-responsabilidade é possível quando a paixão pelo bem dos /das jovens aprofunda as raízes no coração, quando existe clareza nas metas a alcançar, quando se remove com coragem o que é obstáculo para a missão. E o que pode impedir a missão? A meu ver, uma animação muito centralizada, a pouca vontade de comunicação e de diálogo, as

invejas e os medos infundados, a crítica destrutiva.

Nesta comunidade educativa é possível partilhar uma formação católica, amadurecer na fé, crescer em co-responsabilidade.

É suficiente acreditar na pessoa, em suas capacidades e sentido de responsabilidade; partir da base, preocupar-se com a formação salesiana de todos os colaboradores e colaboradoras: o contato com o carisma é fonte de renovação e de realização pessoal. Não tolhemos dos nossos educadores aquele tesouro denominado carisma salesiano.

De Quezon City (Filipinas), Ir. Estrella Castalone partilha a sua esperança: “Este ano, o Senhor me concedeu uma grande graça. Chama-se “Laura Vicuña Center”. É a Casa onde vivo intensamente a nossa missão entre os mais pobres, “É um centro para crianças em risco”. Com cinco irmãs e vinte crianças todas agitadas, a tarefa das educadoras leigas é sem dúvida muito significativa. As crianças as chamam de “Ate”, isto é, “irmã grande”. A jornada normal se

desenvolve entre choros, risadas, alegria e consolação graças à presença das “voluntárias” (Vides) e das assistentes sociais. A nossa comunidade educativa tem uma fisionomia particular: os pais não estão envolvidos por motivo econômico ou porque não partilham o caminho de promoção humana que as suas crianças fazem em nosso Centro. As presenças amigas das jovens assistentes sociais e das voluntárias contribuem para “*criar aquele ambiente de família no qual as jovens não só são amadas, mas sentem que são amadas e, vendo-se aceitas e compreendidas no que lhes dão prazer, são levadas a acolher o que lhes propomos*” (Const. 67). O projeto de “Laura Vicuña Center” se chama “A journey of hope”... **Um caminho de esperança.** Nesta casa partilhamos tudo: oração, festa, ânsia, alegria e esperança – especialmente esperança. É este o nosso slogan: “*Em Laura Vicuña Center, a esperança encontra casa!*”

Madre Mazzarello narra

Vínculo vivo de coesão das suas Irmãs com Deus, Maria Domingas é também vínculo de comunhão entre elas. O clima de família, de simplicidade, de relações serenas e claras que reinava em Mornese antes e em Nizza depois, se difundiu em todas as comunidades das origens.

Um testemunho verdadeiro deste clima de família foi o de Dom Pestarino. Numa relação que dá a Dom Bosco (1874) sobre o andamento do Instituto sublinha:

“O que mais se nota com satisfação é a verdadeira união de espírito, de caridade, a harmonia alegre, e a santa alegria entre todas na recreação, onde se divertem sempre fraternalmente unidas; todas gozam por estarem unidas também no jogo e no repouso” (Cron. II, 59).

É o que Madre Mazzarello recomenda numa boa noite às Irmãs:

“Quando o coração encontra a verdadeira caridade em casa, entre as irmãs e as superiores, não procura outra coisa: mas se não existe esta caridade, eis o problema. Caridade, caridade” E seja esta a flor que apresentarmos a Jesus em cada comunhão, e a graça para pedir-lhe todas as vezes que o visitarmos” (Cron III, 216).

Maria Domingas acolhe as educandas e as segue pessoalmente mantendo também os contatos com as famílias (cfr. Carta 10, 12, 30). Ao Senhor Francisco Bosco disse: *“faz muito tempo que não tem notícias das suas filhas, e imagino que a deseja, por isto sinto o dever de dar-lhe... Esteja tranqüilo que nós temos todo o cuidado possível...”* (Carta 10). Este clima de família faz com que numerosas jovens cheguem a Mornese, sejam conquistadas pela vida das FMA, tanto que escolhem para fazer parte do Instituto como religiosas.

Dom Bosco narra

O sistema preventivo de Dom Bosco é antes de tudo uma pedagogia do ambiente. Este prevê que qualquer que seja a instituição educativa se modele sobre a forma da família, com diversas modalidades segundo os diversos ambientes. O *Oratório de Dom Bosco*, escreve A. Caviglia *era como uma casa, isto é uma família, e não queria ser somente um Colégio. Somente numa estrutura deste gênero pode florescer a confiança entre alunos e “superiores”, não mais assim mais “pais” e “irmãos”, a afetuosa partilha de vida entre os jovens, amigos fraternos, enfim a solidariedade entre todos.*

De importância do ambiente familiar, Dom Bosco parece quase querer registrar uma teoria num sermão na tarde de janeiro de 1864. Utilizando a imagem da colméia, ele exorta a imitar as abelhas em duas coisas: obediência à Rainha e possuir o sentido da solidariedade. Desejo que aprendas a fazer o mel como às abelhas o fazem. [...] O mel figura todo o bem que fazes com a piedade, com o estudo, e com a alegria, porque estas três coisas vos darão tantas consolações, doces como o mel. Deveis imitar as abelhas. Antes no obedecer a rainha, isto é a Regra e aos superiores. Sem obediência vem a desordem, o mal estar e não se faz nada bem. Segundo, o estar juntos serve para fabricar o mel da alegria, piedade e estudo. É esta a vantagem que existe de permanecer no Oratório. Com o estar juntos cresce a alegria, serve de encorajamento para suportar as fadigas do estudo, serve de estímulo para ver o progresso dos outros; um comunica ao outro as próprias aprendizagens, as próprias idéias e assim um aprende do outro. “O estarmos entre muitos que fazem o bem nos anima sem dar-nos conta” (cf MB VII, 602).

A DUPLA ENTREVISTA

ENTREVISTAMOS DUAS FMA, uma irmã jovem da Casa de Espiritualidade “Madre Ersilia Canta” e uma irmã de mais idade, que desenvolveu por vários anos tarefa de animação comunitária e no conselho inspetorial.

Pedimos para dizer-nos o que significa para elas “espírito de família” e para partilhar algumas experiências colocando-se na ótica da comunidade educativa.

1.- Falando de casa lembro de...?

Ir. Haydée

Lembro de papai, mamãe, irmãos e irmãs. Partilha de vida: estudo, jogo, oração, celebração familiares. Partilha de metas e ajuda recíproca para que cada um atinja a própria meta, o ideal pessoal.

Ir. Yesenia

Uma porta aberta através da qual possa entrar com confiança porque sabe que te espera uma família que te acolhe assim como és e é feliz pela tua presença.

Dentro desta casa se sente o calor que gera vida, se abrem as janelas e se pode respirar com liberdade: oh casa, como me sinto feliz neste lugar!

2. – “Espírito de família força criativa do coração de Dom Bosco” (artigo 50). O que pensas desta definição contida em nossas Constituições?

Ir. Haydée

Penso que Dom Bosco interpretou o amor como uma necessidade fundamental, tanto para os jovens, como para os educadores; e por isto a espiritualidade da comunhão deve permear todos os ambientes. O espírito de família é como uma corrente que, provindo de Deus, gera partilha de metas, ardor apostólico, relações fraternas de verdadeira amizade e solidariedade.

Ir. Yesenia

Somente uma pessoa que ama com um coração grande e universal pode criar família, porque quem recebeu amor simplesmente ama. Dom Bosco aprendeu a viver em família com sua mãe. Vem em minha mente o que Dom Pascual Chávez disse na Estréia: “Mamãe Margarida é a primeira educadora e mestra”. Hoje nós somos chamadas a viver a força criativa do

coração de Dom Bosco num ambiente de recíproco acompanhamento, gerando vida, amando as irmãs e todas as pessoas que encontramos em nosso caminho.

3.- Uma experiência que fez você tocar com a mão o espírito de família...

Ir. Haydée.

Era jovem, freqüentava a escola média numa escola estadual e era interna numa casa das FMA, em Alajuela, Costa Rica. Sentia-me como em minha casa. Existia todo um ambiente de família onde se entrelaçavam relações amigáveis e motivações espirituais; desejos de ser melhores e estudar sério; recreações e momentos de oração e formação. Queríamos-nos bem de verdade!

Ir. Yesenia

Imprimir em meu coração com gratidão os rostos das minhas irmãs de comunidade que com uma palavra, um sorriso, uma saudação – “eu te dou a mão”, “estou rezando por ti” – me ajudaram a crescer numa ambiente de diálogo, de confiança e alegria. Esta experiência se concretiza no pátio onde algumas delas jogam com as crianças e as jovens, outras dialogam familiarmente com os /as professoras, outras caminham, talvez se apoiando na bengala e se aproximando de todas com uma boa palavra.

4.- Comunidade educativa: família alargada? Em que sentido?

Ir. Haydée

No sentido de envolver todas as pessoas e instituições sociais e eclesiais com uma metodologia interativa, formando uma rede de solidariedade educativa que promova a co-responsabilidade e participação. Partilhando percursos de solidariedade numa harmoniosa integração de valores pessoais, sociais e eclesiais.

Ir. Yesenia

Quando a comunidade religiosa testemunha aquilo que é, isto é, que vive, o que crê servindo os outros na gratuidade do amor e é capaz de envolver todos num ambiente de família valorizando positivamente cada um como pessoa, seja menina (o), jovem, professora, pais, autoridade civil ou eclesial. Todos absolutamente todos, percebem em nosso modo de nos relacionarmos o que carregamos dentro: ser sinais autênticos do amor de Deus e animados pelo nosso testemunho são dispostos a viver a comunhão.

5.- O que exige uma comunidade – ponte com o território e a Igreja?

Ir. Haydée

Que sejamos conscientes e convictas de que:

O mundo é a grande família de Deus, onde existe uma riqueza de dons e de possibilidades educativas.

A base desta comunidade – ponte se encontra no amor trinitário.

As pedras da ponte são soldadas entre elas pelo espírito de Jesus Bom Pastor, que é amor que procura, se aproxima, compreende, cura e dá vida nova.

O corrimão se constrói com a ajuda e a guia de Maria, que nos ensina a servir com amor gratuito.

Para atravessar a ponte, é preciso ter irmãos – irmãs – educadores / as que acompanham porque querem bem.

O céu estendido sobre a ponte é o mistério do amor que se faz rede de fraternidade e solidariedade.

Ir. Yesenia.

É indispensável estarmos atentas à Palavra de Deus e aos sinais dos tempos; deixarmo-nos iluminar pelo Espírito, cultivar a abertura ao diferente como uma riqueza, fazer nossas as alegrias e as esperanças, as tristezas e os sofrimentos da nossa gente; assumir uma mentalidade crítica e propositiva diante das novas urgências construindo pontes de diálogo, perdão, respeito, justiça, verdade, paz e liberdade.

Asterisco ponto de vista

Tomemos em consideração os artigos das Constituições sobre *A nossa Vida fraterna* (49 – 62) e individualizemos entre as linhas de cada artigo a dimensão de comunidade educativa que se constrói sobre o *espírito de família*..

Símbolo para celebrar: **a ponte**.

Leiamos os mesmos artigos das Constituições procurando evidenciar a dimensão *ponte da fraternidade*.

Quais outras *pontes* se deveriam construir para levar a estratégia do espírito de família nas instituições?

O que evoca a palavra *ponte*?

Quais atitudes favorecem a *construção de pontes* em nós mesmas, em nossa comunidade, nas relações interpessoais, nas relações com a história, com a natureza?

Quais realidades impedem a *construção de pontes*. Quais realidades provocam a *demolição de pontes*, às vezes construídas com fadigas?

BANCOS DE DADOS

Julia Arciniegas

Para enriquecer o teu aprofundamento das Constituições através destes textos que te oferece a nossa rede de solidariedade cultural e formativa: envia um e-mail ao nosso endereço. Bancadaticgfma.org e pede o texto que mais te atrair... Podes indicar-nos o autor e o título e.... tudo pronto! Chegará logo!

- “A TE LE AFFIDO”: UMA VISIONE MÍSTICO-APOSTOLICA (ITALIANO).

Mornese constitui um ponto de referência ideal para cada FMA, porque se alimenta daquela paixão teologal eucarística e mariana que caracterizou Santa Maria Mazzarello e a comunidade das origens. A visão de Borgo Alto recolhe como núcleo gerador, toda a espiritualidade mística - apostólica que a fundadora transmitiu ao seu Instituto. A fonte é Ele e Maria Imaculada Auxiliadora é a grande Mestra da contemplação operante.

FARINA M. – DELLA CROCE G. – DONADEO M., *La donna: Memoria e attualità*. Vol II, 2, Livraria Editore Vaticano 2000, 96 – 102.

- “IL DISCIPULATO OGGI: SEGUITEMI E RIMANETE EM ME” (italiano).

“Seguir Jesus e permanecer em Jesus”: duas categorias usadas por Jesus mesmo para descrever o discipulado. Uma sublinha mais o sentido do movimento, a outra da interioridade. Não são duas linhas alternativas ou sucessivas, devem andar juntas. O caminho do discípulo é um ir permanecendo em Jesus, um partir habitando n’Ele. A conjugação das duas linhas reforça também aquela síntese harmoniosa que as pessoas consagradas procuram viver.

KO Maria, in: *Consacrazione e Servizio* (2004) 6.

- LA PERSONA UMANA CREATA A IMMAGINE DI DIO (italiano – inglês).

O mistério da pessoa humana pode ser plenamente esclarecido somente à luz de Cristo, que é imagem perfeita do Pai e que nos introduz, através do Espírito Santo, numa participação ao mistério de Deus uno e trino. Ao

mesmo tempo grandiosa e humilde esta concepção do homem representa um guia para as relações interpessoais e com o mundo criado, e é a base sobre a qual valorizar a legitimidade dos progressos técnicos e científicos que têm um impacto direto sobre a vida humana e sobre o ambiente.

COMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, in: Il Regno –
Documentos, (2005) 1.

- LA FEDELTÀ FONTE DE VITA PIENA (italiano).

O Reitor Mor entende oferecer uma reflexão antropológica na qual podem localizar propostas que ajude a robustecer a fidelidade das pessoas consagradas, com particular atenção em relação às gerações jovens. O tema da fidelidade, de fato, toca aspectos essenciais da pessoa, qualquer que seja o seu estado de vida. Desta perspectiva se enfrenta a realização humana, considerando-a nos horizontes da historicidade, em caminho em relação ao valor supremo da liberdade, através de uma experiência de encontro vital com o Senhor Jesus.

CHAVEZ VILLANUEVA Pascual, Asamblea Semestrale USG,
Roma 24 – 26 maggio 2006.

- LA SPIRITUALITÀ DELLA MISSIONE (espanhol).

A análise de alguns termos como espiritualidade, consagração, missão e do modo como Jesus e os nossos fundadores viveram estas realidades, permitem ao A. reafirmar que é possível, antes, imprescindível, a cada FMA viver a unidade vocacional que as nossas Constituições nos propõem. Estes são caminhos seguros em direção à contemplação operante que nos tornam fecundas na Igreja ao serviço das / dos jovens.

QUINTERO PRIETO Paula Elena, Medellín, CMM, dezembro 2004.

DIÁLOGO

A ÁGUA DA VIDA.

Bruna Grassini

Em Nazareth existe uma fonte que escorre entre as colinas e chega a uma fonte pública. Segundo uma antiga tradição também Maria e Jesus criança iam pegar água, como todas as mulheres e crianças da cidade.

É chamada “Fonte das Virgens”. Hoje escorre no interior da Igreja grego-ortodoxa vizinha que tem a custódia. Peregrinos de todo o mundo, de todos os credos permanecem nesta fonte numa oração silenciosa.

UMA LÍNGUA QUE NOS UNE.

Na Bíblia a água está na origem da criação, obra da potência de Deus. “No princípio ... o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1).

Na tradição hebraica a água é “sopro vivificador: energia primordial, simples, pura, fecunda, perfeita”. Para o Corão é bênção, dom da bondade de Deus, o Clemente, Misericordioso” (Sura XVI).

Escreve o poeta francês, René Char: “Os deuses habitam no símbolo”. O diálogo entre as diversas culturas não pode dar menos valor à linguagem simbólica para uma maior compreensão da história, da identidade, da religião, dos valores que nos unem.

Entre os símbolos a água é aquele que expressa uma maior riqueza de significados. É a única linguagem que nos consente evocar toda uma gama de sentimentos, desejos, situações, realidade espiritual e sobrenatural. O povo palestino que desde sempre conhece a sede, a planície vasta, a aridez, a carestia, invoca a água como um bem supremo: “No deserto de Sin o povo protestou contra Moisés: “*Dê-nos água para beber*”. *E eis que sobre o Monte Horeb, sairá a água pela rocha e o povo beberá*” (Es 17).

Deus mantém as promessas, mas adverte: “Se obedeceres diligentemente aos mandamentos que hoje vos dou... eu darei à vossa cidade a chuva benéfica: a chuva do outono e a chuva de primavera para que tu possas recolher o teu alimento, o teu vinho e o teu óleo; farei também crescer no teu campo a erva para o teu animal; Tu comerás e ficarás saciado” (Dt 11).

As mesmas expressões lemos no Corão: “É Ele que fará descer água do céu para vós, e beberás, e crescerão as árvores entre as quais levarás o

gado para pastar. E faz crescer para vós o alimento, o óleo e as olivas e os vinhos e toda espécie de frutas” (VXI).

Escreve Gianfranco Ravasi: “A palavra água (em hebraico majin) ressoa em outros 1900 versetos da Bíblia, desde o primeiro capítulo do Gênesis, ao último do Apocalipse: “*Um rio de água viva, límpida como cristal sairá do trono de Deus e do Cordeiro*” (22).

A MULHER DE SICAR

Um fio de água escorre idealmente através dos Livros Sagrados, interligadas de chamadas: sede e fonte, oásis e aridez, deserto e fertilidade.

A água, símbolo de valores, de fidelidade, de vida, de salvação. Aos pés da montanha da Samaria acontece um encontro, um diálogo surpreendente, envolvente com uma mulher estrangeira, herege, orgulhosa da sua pertença religiosa.

Anota o evangelista João: “Era quase meio dia”. A hora do alimento, a hora da hospitalidade, da convivência.

Jesus se volta para a mulher com toda a naturalidade, alheio aos prejulgamentos culturais ou religiosos. em suas palavras existe toda a sua humanidade, sem barreiras.

É um homem cansado depois de um longo caminho. O calor se faz pesado, tem sede, pede de beber. Nasce o diálogo, livre, profundo, inacreditável: “*Se tu conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: “Dá-me de beber tu mesma teria lhe pedido e ele te teria dado a água viva”* (Jo 4).

A ÁGUA DO DIÁLOGO

Na mensagem do Novo Ano de 2005 o Papa lançou ao mundo uma forte mensagem: “*Diante das múltiplas manifestações do mal que ferem a família humana é necessário dar importância prioritária ao diálogo; as obras de justiça, educando ao perdão cristão os crentes das diversas religiões, junto com os que se reconhecem na lei divina universal. Esta é a nossa comum missão*”.

“Existe um diálogo da fé e o diálogo da vida”, comenta o Padre Geral dos Franciscanos de Assis. Sobre este plano é possível um confronto dialógico muito enriquecedor entre religiões diversas. O diálogo se atua num contexto de verdade, de humildade, de gratuidade, de fé vivida que se faz acreditável, contagiosa.

O diálogo, escreveu Paulo VI na Encíclica *Eclesium Suam*, não é orgulhoso. *É pacífico, evita os modos violentos; é paciente, é generoso...*

Promove a confiança e a amizade; interliga os espíritos numa mútua adesão a um bem que exclui todo objetivo egoísta (ES 47).

O diálogo não renuncia a própria identidade, mas em relação com outras religiões cresce. Dialogar com outros credos é uma autêntica espiritualidade.

Os cristãos vêem nisto o crescimento do reino de Deus e o significado de ser fermento no mundo (cfr. OFM 95).

O TEMA

JAMAIS UNS SEM OS OUTROS

Tiziana Filipponi

Guerra de religiões, contraposições violentas entre ideologias diferentes. Como podem reagir os cristãos em tal contexto?

Responde Enzo Bianchi, fundador da comunidade monástica de Bose (Itália): É pedido à Igreja hoje para ficar no mundo com plenitude de empenhos diante das problemáticas com humildade e inteligência, sem pré-julgamentos, sem atitudes ideológicas e sem lógicas de inimizade em relação àqueles que não acreditam”.

À MESA DO AMOR

Na tarde de sábado santo de 2006 numa comunidade paroquial de Milão, o monge Enzo Bianchi, esperto em diálogo inter-religioso. Mas sobretudo convicto sustentador de uma igreja- comunhão, enfrenta um tema incandescente no momento em que se acedem fogos de guerra em resposta às vinhetas contra o Islamismo e diante de qualquer que seja elemento de crítica ou simplesmente de diferença entre as religiões.

Diante da violência, em todo o mundo, somos tentados a responder com outra violência. O anticlericalismo poderia induzir a reações hostis. Mas qual é o mandamento evangélico?

“Mesmo a tarde da Instituição Eucarística, no coração, isto é da constituição da comunidade cristã entre os homens, Jesus disse: *“Os reis das nações as governam, aqueles que têm o poder sobre esses se chamam benfeitores; entre vós porém não seja assim, quem é o maior torne-se o menor e quem governa como aquele que serve”.*

Eis a palavra de Jesus *“entre vós não seja assim”*, não seja vista como a afirmação de uma comunidade cristã que no mundo se situa contra os outros, numa lógica de inimizade, de concorrência, de contra posição, mas é a afirmação de uma comunidade cristã chamada a viver a diferença nas qualidades das relações...”

QUAL DIFERENÇA?

Como dizia o Cardeal Martini, a alternativa cristã está no estilo evangélico: *“uma comunidade que numa sociedade marcada por relações frágeis, conflituais e de tipo consumista, expressa a possibilidade de*

relações gratuitas, fortes e duradouras, solidificada pela aceitação mútua e pela capacidade de perdoar-se reciprocamente". Depois da citação continua Bianchi: "Eis, esta é a diferença cristã, uma diferença que pede hoje à Igreja de saber dar forma visível e vivível à comunidade, paróquias plasmadas pelo Evangelho... Próprio esta concepção de comunidade como corpo de Cristo pode ajudar também a Igreja a indicar aos homens formas e modalidades de comunicação, modalidade que sejam humanas, humanizantes, que levem ao respeito do outro, do seu pensamento, da sua diversidade".

A diferença cristã deve manifestar-se praticamente no empenho pela sociedade civil, na política, isto é na construção de uma polis onde cada um possa expressar a própria cidadania, além da cultura e da religião. *"A diferença cristã torna-se assim presença profética dos cristãos da sociedade. E quando nós cristãos somos capazes de profecia, caímos no meio da sociedade composta por não cristãos"*.

Diante do cenário atual, que em todo o mundo vê contraposições violentas em nível civil e político, Enzo Bianchi chama a atenção da Igreja para a tarefa dos cristãos: *"Para que a Igreja seja presente em nossa sociedade deve ser capaz de um anúncio profético, e é preciso para isto de palavras proféticas, as vezes de grandes silêncios, as vezes de uma palavra clara, as vezes também de saber tomar as distâncias dos poderes dominantes deste mundo. Certamente precisará de coragem de não pretender ter apoio dos poderes mundanos ou de uma colaboração que aprisione a nossa fé"*.

ACEITAR A LAICIDADE

Neste tempo de grandes migrações, de multiculturalidade, de miscigenação progressiva, devemos habituar-nos à acolhida das diferenças, do pluralismo. Traduzindo no hoje o mandamento evangélico da comunhão, os cristãos – acrescenta Enzo Bianchi – "... devem transparecer que aceitam a laicidade, devem mostrar aceitar a sociedade na sua realidade plural, na qual existem diversos credos, diversas culturas e diversas etnias". Sei que nós cristãos somos habituados por dezesseis séculos a uma grande uniformidade e não somos espertos em diversidade e em complexidade... "Laicidade significa que os cristãos, no pluralismo atual da sociedade, aceitam o confronto com os outros não cristãos".

Concluindo

No fim do nosso discurso muito mais elaborado, do qual reproduzimos somente alguns traços de lembrança, Enzo Bianchi conclui com um pensamento de M. De Certeau: “um grande teólogo, um dos primeiros que perceberam o surgimento da secularização e o êxito de uma Igreja de cristãos que se tornava minoria na sociedade”:

“A tarefa dos cristãos hoje é de continuar a viver o Evangelho e a servir a comunidade, mas sempre com os outros, jamais contra os outros, jamais sem os outros”.

Enzo Bianchi

LA DIFFERENZA CRISTIANA, Einaudi 2006.

Uma reflexão que se interroga sobre temas de grande atualidade, contra a utilização da fé como “religião civil” e contra o uso instrumental das religiões por parte de quantos conheçam a evangélica distinção entre Deus e César.

A laicidade como espaço ético no qual todas as religiões podem ser compreendidas e respeitadas. A escuta do estrangeiro como premissa para imaginar a paz. Construir um mundo diferente daquele da surda intolerância requer um longo caminho. É necessário partir agora.

ESCREVER

ESCREVER PARA VIVER

Graziela Curti

O transcorrer dos dias, a inspiração escondida pela cotidianidade, o grito da emergência, dos tempos de dor: sentimentos e emoções secretas que podem encontrar caminhos escondidos pela saída sobre folhas brancas da escritura. E agora escrever torna-se necessidade, motivo de vida, esperança de futuro. Três mulheres: uma FMA, uma jovem, uma leiga convertida, nos falam ainda das suas existências, diferentes e semelhantes, através dos seus escritos.

Também a nós é dada a oportunidade de viver no tempo e além do tempo através daquelas anotações cotidianas e do que experimentamos e somos.

UMA IRMÃ

Rita Dametto é uma FMA que nos deixou a cerca de dez anos. Partiu para o céu depois de um extremo sofrimento. A irmã, FMA, recolheu num livro algumas páginas de diário e muitas invocações, que marcaram as etapas de vida de uma mulher apaixonada, que transformou com abandono a sua ânsia missionária.

Rita, apesar de ser uma pessoa simples, sentiu a exigência de escrever o seu jornal da alma nas várias situações da existência.

Depois de alguns anos de apostolado direto entre as jovens em Turim e ao redor, frequenta o curso para ser enfermeira e depois...

“Nova obediência: Villa Salus, casa das irmãs anciãs e doentes. Senhor, aceito com profunda docilidade ir para onde me chamas”.

Vive o momento no amor, porém manifestando o seu secreto desejo de horizontes longes, mas...

“Existem mudanças e necessidades em casa e na inspetoria. A resposta ao meu pedido missionário é negado”.

Pouco tempo depois, enquanto se dedica às irmãs doentes, é tomada por um cansaço mortal... *“O médico faz o diagnóstico de pleurite... entristece-me deixar a comunidade assim. Mas tudo é permitido por uma vontade superior a quem quero me confiar e vou ao hospital aqui em Chieri”.*

Uma convalescença confiante lhe refaz as forças. Retoma o seu trabalho, mas o mal, antes escondido, se manifesta com toda a sua gravidade: tumor maligno no pulmão esquerdo.

Rita tem somente 48 anos. Foi tomada por medo e angústia, mas depois recorda a sua oferta a Deus como vítima pelos sacerdotes, feita anos antes, e aceita percorrer a imprevisível aventura.

“Quero aquilo que Jesus quer. Este é o meu oxigênio”.

E continua a escrever, até a penúltima noite entre o 25/ 26 de novembro de 1993, no qual depois de ter tido um sonho que a sereniza, às 1:45 narra em seu diário.

E conclui: *“é somente um sonho, mas a mim basta para acreditar sempre mais que Jesus me ama muito. E eu o amo? Jesus ajuda-me...”*

E os seus escritos permanecem como herança preciosa. Testemunho evangélico que nos acompanha.

UMA JOVEM

Paula tem 15 anos. É uma jovem como outras. E, como tantas, escreve num diário. A sua é uma vida feliz e ela sabe acolher esta maravilha em cada momento. Parece que fez sua uma expressão de Dalai Lama, monge de Tibet: *“Empenhem-nos em reconhecer a preciosidade de cada dia”*. Decorrendo as páginas da sua agenda sente-se a vida pulsar.

No início de um dia: *“É a aurora, Senhor, e ... como não se pode rezar com um céu assim... com estas cores, estes perfumes de terra, de vida. Olhar, sentir respirar e dizer obrigada, descobrir a grandeza, o segredo e adorar-te”*.

E mais adiante, Paula entra ainda em êxtase claro dos inícios: “Senhor, meu Deus, a cada dia estás pronto para iluminar a minha jornada, como o sol, e eu nem sempre estou disposta a abrir a minha janela pra ti. Torna-me capaz de pintar o mundo de muito, com as belíssimas cores como este sol que está no céu. Tchau Senhor, bom dia!”

UMA CONVERTIDA

Madalene Delbrêl nasce na França nos inícios de 1900. Depois da adolescência e de uma juventude caracterizadas por um feroz ateísmo, converte-se graças ao encontro com um grupo de jovens católicos. Com a crise econômica de 29 realiza as primeiras experiências de auxílio aos mais pobres e torna-se vulnerável diante dos males e das injustiças sociais. Daqui nasce o sonho de um projeto fora dos esquemas. Assim três jovens,

sem votos religiosos e sem hábito particular, decidem partir para a periferia de Paris e viver “cotovelo a cotovelo entre as pessoas”.

Os escritos desta mística das estradas registram a forte vitalidade, o sentido de humor, a poesia. Narram a sua capacidade de rezar e trabalhar em qualquer lugar, também na mesinha de um café de periferia, que consegue transformar num lugar de estudo e recolhimento.

NÓS DAS ESTRADAS

No quarteirão onde mora Madeleine, as casas são como caixas, dormitório de gente pobre. Ela, fascinada por Deus, quer aprender a viver o dia com realismo sorridente. A sua agenda torna-se diário de vida.

Aconteceu o encontro com muitos cristãos, mais velhos, nem mais estúpidos, nem mais idealistas do que eu, viviam a mesma vida que eu, discutiam como eu, dançavam como eu... Falavam de tudo, mas também de Deus que parecia ser indispensável para eles como o ar.

É a vida que educa... Um livro enorme, doloroso, tocante e cínico se oferece aos nossos olhos: cada um dos seres que se aproximam acrescenta uma linha.

Ler o Evangelho – mantido nas mãos da Igreja – como se come o pão.

Desde a manhã nos vêm ao encontro: são os nossos nervos muito tensos ou muito lentos; é o ônibus que passa cheio, o leite que derrama, os limpa-chaminês que vêm, as crianças que confundem tudo: são os convidados que levam nosso marido, e aquele amigo que não vem; é o telefone que suona, aqueles que amamos que não se amam mais; é o desejo de calar e o dever de falar; é querer sair quando se é preso em casa e ficar em casa quando é preciso sair...

Assim vão as nossas paciências em condições apertadas ou em fila indiana.

O cotovelo de algodão para remendar, a carta para escrever, as crianças para levantar, o marido para serenar, a porta para abrir, a corneta para soar...: tantos trampolins para o êxtase, tantas pontes para passar pela nossa pobre, pela nossa cativa vontade, à beira serena do teu beneplácito.

Poder percorrer todas as estradas, sentar-se em todos os metrô, subir todas as escadas, levar o Senhor por todo lugar... Este amor que nos habita, este amor que explode em nós, talvez não nos modelará?

Senhor, Senhor, ao menos que esta casca que me cobre não te seja obstáculo. Passa. Os meus olhos, as minhas mãos, a minha boca são teus.

Quais famílias?

O processo de transformação cultural que, nos últimos cinquenta anos, investiu a sociedade também mudou a família. Muitas mudanças aconteceram também pelo valor dado à pessoa e a dignidade reconhecida ao homem e à mulher. Por um modelo quase único de família patriarcal,

fundamentado sobre o matrimônio e constituído pelo pai, mãe, filhos e eventuais avós e tios e nasceram outros muitos diferentes. Hoje existem:

- as famílias nucleares constituídos pelo pai, mãe, um ou dois filhos. No Ocidente é maioria.
- as famílias separadas, chamadas também monogenitorais, separadas ou divorciadas, vive com um ou mais filhos;
- as famílias alargadas. Trata-se de casais que se separam conservando um relacionamento que consente reencontrar entre eles e com os filhos dos casais que são refeitos, formando assim uma família mais ampla, onde os filhos se sentem irmãos;
- as famílias adotivas e aquelas abertas. São casais que não tendo filhos próprios ou mesmo havendo permanecem abertas para acolherem crianças sozinhas, seja para cuidarem, seja para adoção;
- as famílias solteiras formadas por homens ou mulheres que decidem viver sozinhos. Na maioria anciãos / ãs ou também divorciados /as.
- as famílias formadas, entre as quais estão aquelas homossexuais que recentemente são objeto de crescentes debates e de desencontros seja em âmbito político como religioso.

Em relação ao passado, as tarefas e o modo de se colocar dos vários membros, na heterogeneidade das famílias atuais, mudaram. A mãe (figura em parte idealizada) disponível em todo tempo, que se sacrifica com alegria e cuida de todas e da casa, que prevê os desejos não existe mais. Como o pai que comanda que dita as regras e obtém de todos a obediência, talvez exista em alguma cultura. E os filhos e filhas que obedecem silenciosos aos pais também não existem.

O nível de instrução mais elevado e a profissionalização de ambos levam os pais a se sentirem unidos, mas também independentes uns dos outros. A maioria dos casais sente-se responsável pelos filhos e pela família, mas contemporaneamente deseja e procura de modo adequado as competências conquistadas. O trabalho de ambos leva a um maior nível econômico, mas também a uma menor disponibilidade para sacrificar-se pelo bom andamento da família. As mães preferem confiar os trabalhos de casa às domésticas e exercerem as suas profissões. Cada membro da família tende a expressar e fazer valer os próprios direitos. As vezes as pretensões prevalecem mais do que as obrigações, aumentando as brigas e a violência. As violências piores acontecem na família.

Com isto não é que tudo seja desastre, como qualquer profeta de desventura leva a crer. É diferente. A família continua a existir e a vida a nascer. A maioria dos casais procura através de igual distribuição dos

empenhos familiares e de uma contínua negociação dos equilíbrios relacionais oferecer consistência e continuidade ao próprio ser da família e fazer de modo que os membros a sintam como um ponto de referência seja afetivo como econômico.

O não encontrar tudo pronto, o dever sentir-se responsável, além do bom andamento escolar (filhos) e do sucesso na carreira profissional (genitores) também do bem-estar da família, não é cômodo: requer sacrifício de tempo e competências várias. Esta situação aparentemente negativa é um estímulo para o crescimento da pessoa enquanto a torna mais consciente e flexível, mais autônoma e capaz de desempenhar várias tarefas, menos concentradas sobre si e sobre aquilo que julga ser os seus direitos. O ser muito servido as vezes torna prepotente, rígido, incapaz de contribuir em alguns âmbitos e de reconhecer os benefícios.

Quais comunidades religiosas?

Igual ao da família, também o clima das comunidades religiosas mudou. As irmãs mais anciãs recordam que antes a senhora diretora assumia sem problemas a tarefa de pai e de mãe. Quando falavam, as irmãs escutavam em silêncio, quando mandava obedeciam, mais ou menos de boa vontade, mas sem rebater; quando decidia, ninguém retrucava, porque não existiam motivos para fazê-lo. Repetia-se durante anos e anos com alguma mudança o que se tinha feito antes. A necessidade de mudança imposta pela atual situação cultural não era nem ao menos pensada. Todas trabalhavam geralmente em casa segundo as tarefas e os horários estabelecidos. A pontualidade era a norma. A diretora era possível perceber muitas coisas, cuidar de todas e prever os desastres com atenções paternas e maternas. Naquela situação com dificuldades e limites diversos dos atuais, mas reais, se procurava realizar o espírito de uma família atenta e bem ordenada. Mas não ideal!

Como nas famílias, também nas comunidades aumentou o nível de instrução e a consciência da centralidade e do valor da pessoa em relação às regras e aos trabalhos. Exigir respeito e fazer valer os próprios direitos é solidificado. Quando a animadora de comunidade propõe ou pede algum parecer, não é raro as irmãs expressarem o consenso, deixando aparecer certo litígio. O sacrificar-se pela comunidade, pelos serviços pedidos pelas irmãs anciãs e doentes, geralmente pesa e muitas vezes é considerado como um tempo tirado da missão, dos/as jovens. Como são raras as caseiras que empenham a vida no cuidado da família, assim são sempre mais raras as

irmãs que prestam contentes os seus serviços somente no cuidado da comunidade.

Além da idealização e da culpabilização.

Nesta situação é possível realizar aquele espírito de família que faz bem aos componentes da comunidade, aquilo que se respirava em Mornese, que Dom Bosco, a regra de vida, as Circulares da Madre e os textos salesianos propõem?

Não é difícil sentir com certa carga emotiva culpável que o espírito de família não existe que ninguém cuida de ti no Instituto. É verdade que o modo de viver o espírito de família, mesmo idealizado, não existe como não pode existir aquele clima que envolve cada uma, referindo-se em vivências anteriores e idealizando, sonha.

O ideal não real e a idealização uma bela prisão.

O imperfeito possível.

O espírito de família continuará a existir na medida em que as pessoas, consagradas ou casadas superando o próprio egocentrismo com a tentação de idealizar, de culpar e de se lamentar fazendo pelo contrário prevalecer a lógica do amor sobre aquela da utilidade oferecerem a sua contribuição para fazê-lo acontecer.

Não precisa desencorajar-se. Não serve. Cada membro da comunidade valorizando suas forças e estimulando as das outras (mais exauridas) poderia encontrar as modalidades para fazer com que cada uma sinta as próprias riquezas. Não faz mal que a animadora não possa chegar a tudo. A exigência de colaboração estimula a relação, ajuda a nos tornarmos adultas responsáveis, a superar a dependência e o egocentrismo infantil, a não pretender, a perceber o bem existente e também a encontrar tempo para dedicar à comunidade sem sentir-se, com isto, menos salesianas.

Sobre o espírito de família na abundante literatura salesiana, podemos encontrar muitas sugestões interessantes. Acenamos algumas:

- Quando falta alguma coisa tendemos a culpar as outras, os outros, o mundo. E é sempre possível fazê-lo. É um modo para descarregar a consciência, mas também para permanecer inertes e presas na negatividade. Quanto mais uma é convicta de que a melhoria da situação depende das outras, reage menos. Existe sempre alguma que se referindo aos

acontecimentos passados é sempre descontente e culpa as pessoas que se encontram ao seu redor. Seria importante superar esta tendência.

- Também a idealização é uma maneira excelente para renunciar ao espírito de família. O ideal não existe, nunca existiu. Quem o deseja ou o pretende ou está sempre à sua procura permanecerá desiludido e a lamentação será a música que acompanhará a sua vida. Somente renunciando ao impossível, se pode realizar alguma coisa de positivo, mesmo se imperfeito.

- Não faltam ocasiões para pensar que “não serve”, que é inútil. É aqui o caso de negociar relações, e de colocar pequenos gestos de amor. A relação simples e o amor são gratuitos, não procuram a utilidade, mas dão sentido ao viver de quem o recebe e de quem o dá. Assim é o espírito de família.

O espírito de família, apesar dos limites e imperfeições, existe em nossas comunidades e espera a contribuição responsável de cada uma para crescer. O espírito de Mornese, de Dom Bosco, de modos diferentes ainda são vivos e vivificam o mundo salesiano.

Ainda são muitas as FMA que não perdem tempo em se lamentarem e não param em culpar umas as outras, que não pretendem o impossível e não têm medo de colocarem sinais positivos e de oferecerem pequenos gestos de amor e de tecer relações também nas dificuldades, que procuram não aquilo que dá lucro, mas aquilo que tem e dá sentido mesmo se aparentemente inútil.

E aumentarão. Com a sua contribuição, se continuará a criar comunidades religiosas e comunidades educativas imperfeitas, mas capazes de acolherem a vida e de serem lugares de humanização e de anúncio.

MUNDO DOS JOVENS

SUL DA ÁFRICA A VOZ DOS JOVENS.

Cristina Merli

Quais são os três valores mais importantes para ti? Quais os objetivos que tens? Qual a tarefa que um jovem tem na sociedade? Sentes-te responsável pela sociedade em que vives? Quais são os teus medos em relação ao mundo? Que valor tem a fé em tua vida?

São algumas das perguntas que um grupo de jovens elaborou para que outros jovens pudessem falar das suas experiências. Jovens que entrevistam outros jovens. Não para oferecer aos estudiosos material para uma análise sociológica, não para descrever uma geração. Simplesmente para “falar”. E para escutar.

Neste número damos voz aos jovens do Sul da África. Ir. Rossella Raspanti colheu a voz deles.

Quais são os três valores mais importantes para ti?

Família, instrução, fé.

Como procuras viver estes valores?

Procuo fazer o melhor para ajudar em casa, os meus irmãos e irmãs e ao mesmo tempo creio na importância de terminar a escola superior e também divertir-me com meus amigos.

Quais são os objetivos que gostarias de conquistar?

Não sei ainda o que farei depois da escola superior, espero porém ir além da escola, encontrar num trabalho honesto e ganhar bem para ajudar os meus.

Thandeka, 16 anos.

Gostaria de perguntar pela tua escala de valores...

Os meus amigos, a minha família, a honestidade.

E estes valores como os buscas durante a tua vida? Isto é, como os levavas adiante, como os concretizas?

Procuo ser o melhor que posso para tornar os meus pais felizes e a mim próprio. O meu sonho é me tornar advogado.

Tami, 17 anos.

Que tarefa os jovens possuem na sociedade?

Os jovens podem ter uma tarefa importante se não esquecerem o passado e ao mesmo tempo construírem o futuro.

Thandeka, 16 anos.

Olhando onde vivo vejo somente jovens desocupados, gangs, e perturbadores. Se quiseres a resposta certa poderei te dizer muitas respostas perfeitas, mas a realidade é muito diferente.

Grant, 17 anos.

Sentes-te responsável pela sociedade onde vives?

Penso que tenho responsabilidade em relação a minha mãe porque sei que faz muitos sacrifícios para me fazer estudar.

Grant, 17 anos.

Penso que devo ser leal e honesta e trabalhar firmemente.

Kim, 21 anos.

Sim, penso que a minha maior responsabilidade seja em relação a mim mesma porque muitas jovens se oferecem ao primeiro homem que chega perto sem pensar nas conseqüências.

Zukiswa, 20 anos.

O que te causa mais medo em nossa sociedade?

A falta de valores, a violência, a AIDs.

Tami, 17 anos.

A violência, a AIDs, a pobreza.

Thandeka, 16 anos.

Ser estropada, a AIDs, a falta de respeito.

Zukiswa, 20 anos.

Qual o valor que tem a fé em tua vida?

Na minha família somos muitos religiosos e Deus é importante para mim. Procuro ajudar na Paróquia, porque creio que seja importante que os outros vejam a fé colocada em ação.

Tami, 17 anos.

Jesus me ajuda a viver do melhor modo possível porque olho aquilo que Ele fez e procuro imitá-lo.

Kim, 21 anos.

Eu sou muito religiosa, vou a Missa todo domingo, participo dos encontros de jovens. Para mim a fé em Deus é o que me dá força para enfrentar a vida de todos os dias.

Zukiswa, 20 anos.

Sentes que és influenciado de alguma maneira pelos outros jovens?

Sim, sobretudo quando olho para quem tem roupa de marca e que custa muito dinheiro. Então me pergunto porque é fácil para eles terem e para mim não é.

Thandeka, 16 anos.

Sim, sou em muitas coisas, mas não para provar drogas ou coisas semelhantes.

Grant, 17 anos.

A minha família é muito grande e temos muitos primos e primas mais ou menos da mesma idade. Certamente nos influenciámos reciprocamente. Procuramos nos vestir do mesmo modo, escutamos a mesma música e assim vai.

Kim, 21 anos.

A OUTRA ECONOMIA.

PEQUENAS COISAS PARA GRANDES CONTRIBUIÇÕES.

Emilia de Massimo.

As escolhas das pessoas às vezes podem mudar a curso da economia.

O Produto Interno Bruto (PIB), como todos sabem mede o nível de desenvolvimento de um País, e a nossa civilização industrial tem o seu modo de medir. É mais comum falar de “sociedade de consumo”, de fato seria mais correto definir o mundo opulento “sociedade dos rejeitados”, Uma parada de reflexão nos ajuda a nos dar contas que na realidade não consumimos nada mais, utilizando os bens que julgamos úteis, o transformamos em outros que não nos servem mais, isto é rejeitamos. Disto se deduz que o grau da civilização é determinado pelo modo com o qual se tratam os lixos; o que é afirmado necessita lembrar com maior precisão o significado de algumas expressões e de evidenciar as conseqüências relativas.

Por consumo crítico se entende a prática de organizar os próprios hábitos de aquisição e de consumo de modo a perceber a própria preferência pelos produtos que possuem determinados requisitos de qualidade diferentes daqueles facilmente reconhecidos pelo consumidor.

A possibilidade de utilizar a própria posição de consumidor para conseguir fins políticos ou éticos pressupõe o direito de poder escolher entre diversos produtos e o conhecimento das informações necessárias para uma escolha consciente.

Querendo usar de analogia entre o consumidor e o eleitor, um slogan poderia ser:

“Vote todas as vezes em que for fazer as compras”.

Votamos não tanto na qualidade do produto como no modo com o qual é feito, fabricado. Então, como se tornar um ótimo consumidor crítico?

Regra número 1: “Olhar todos os produtos e olhar atrás dos produtos. Nada nasce do nada. Cada produto tem uma história.”

A sugestão fundamental acima indicada parece óbvia, mas a esta se liga muitos problemas éticos, de fato julgar cada bem de consumo significa perguntar-se: *“Quais produtos destroem o ambiente”? São lesados os direitos dos trabalhadores que o produzem materialmente? É colocado no comércio por uma multinacional que trata de armas ou energia nuclear? O bem vem produzido no País do mundo caracterizado por um regime*

opressor? São lesados os direitos dos povos indígenas? Quem comercializa estes produtos está implicado em fraudes ou corrupção? O País de onde vem o produto é um paraíso fiscal? Encontrar resposta para estas perguntas e para muitas outras é humanamente impossível, por isto “consumo crítico” é “boicote” andam juntos.

Boicote pacífico: capacidade de escolha autônoma.

O boicote é uma ação individual e / ou coletiva coordenada, que tem o objetivo de obstacular e modificar a atividade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, uma empresa, ou um objeto de uma vez por todas de um estado, quando são julgadas não conforme os princípios éticos ou aos direitos universais ou em conveniência econômicas.

O termo boicote deriva de nome de capitão Inglês Charles Cunninham Boycott, um administrador que viveu em 1800, ao qual os camponeses depois de repetidas injustiças, tiveram uma ação não violenta, que consistiu na não colaboração.

Está provado que perder pelo boicote o 2 /3 % de lucro num multinacional quer dizer obrigá-la a uma mudança brusca de rota.

Atualmente o boicote é para muitos um estilo de vida, um gesto cotidiano que ensina a desenvolver melhor a própria capacidade de escolher e gerar mudanças que nascem de uma pacífica atitude de justiça e de solidariedade para quem é explorado.

Os jovens, além do imaginário coletivo podem acreditar, desejam se “desintoxicar” do consumismo, libertar-se da escravidão do shopping e serem protagonistas das próprias escolhas. É para isto que muitos decidem boicotar pacificamente e renunciar um consumismo não somente de tipo material.

Muitos jovens se interrogam sobre o uso do dinheiro. “Cumpramos certos produtos porque nos servem ou para preencher um vazio afetivo?” E sobre o consumismo do tempo dizem. “Uma tarde diante da TV é um desperdício da vida”. O consumismo da relação faz perguntar a si mesmo: “que relações temos com a família e com certos amigos com os quais gastamos o tempo?”.

Questionamentos dos jovens que também podemos assumir porque como eles e com eles, queremos ser protagonistas do nosso cotidiano; porque também nós involuntariamente nos encontramos com a “tarefa” de espectador que a sociedade opulenta nos impõe... enquanto advertimos ter exigências mais vastas e sentimos o fascínio de poder viver com menos coisas... e apagar a luz quando não tem ninguém no ambiente....

Proposta: “I care”...

- desligar a TV
- reduzir o consumo
- partilhar o excesso
- abolir merendas e alimentos muito sofisticados.

VOZES DE MULHERES

CAMPEÃS DA ANTIGLOBALIZAÇÃO.

As mulheres são as primeiras vítimas da globalização, mas sabem também combatê-la com ações simples, com efeitos duradouros.

Em 1995 o presidente das Filipinas Marcos tinha feito inserir este anúncio sobre a revista americana para homens de negócios “Fortunas”: “Para atrair a sociedade como a nossa derrubamos montanhas, destruimos florestas, desviamos rios, secamos pântanos, destruimos vilas. Tudo isto para tornar mais simples a vossa atividade empresarial aqui entre nós”.

Porém a chegada das multinacionais não melhorou a situação do País. Um terço dos habitantes vive abaixo da porta da pobreza. Depois do México, é o País que exporta a mais elevada proporção de habitantes: entre cinco e oito milhões (dois ao dia), das quais 60% são mulheres. Com frequência as “agências” que procuram para partir as atraem com a promessa de um lugar de trabalho como hostess, modelos ou até propostas de matrimônio. Quando percebem que foram enganadas, são escravas, também sexuais, em alguma casa de pessoas com dinheiro.

Mesmo depois da ditadura de Marcos e os sucessivos anos de “poder do povo”, por causa da evidente piora das condições de vida dos filipinos, o fluxo migratório não cessou. E o trabalho dos emigrantes permite enviar 7 milhões de dólares por ano que evitaram a grave crise financeira que nos anos 90 envolveu os Países vizinhos.

As mulheres são verdadeiras força das Filipinas. Não somente por que o trabalho de emigrantes levam bem estar para o País, mas sobretudo, pelas escolhas corajosas.

Em São Pablo, no Sul de Manila, uma associação feminina desenvolve a sua atividade, “Atilika” (que significa pouco a pouco). A responsável, Leonora narra: “Aqui cada família tem um ou três membros emigrados no exterior com um contrato de dois ou três anos. A maioria das vezes é a mulher que parte: deve saber fazer de tudo, não precisa de grande instrução. O objetivo da viagem é mandar dinheiro para comprar uma casa, abrir uma pequena atividade, enviar os filhos para uma boa escola ou talvez conquistar uma televisão ou um carrinho. Mas acontece que a família gasta aquele dinheiro de modo errado e quando a mãe retorna é obrigada a partir de novo”.

Janey, inscrita no curso de corte e costura promovido pela “Atilika” foi colaboradora doméstica em Kuwait, partiu três vezes e agora quer ir para o Canadá: “Meu filho de vinte anos quando parti começou a viver mal

e agora não posso mais fazer nada por ele: não deveria tê-lo deixado quando tinha dez anos, mas compreendi tarde demais”.

Mas as mulheres Filipinas têm uma longa história de capacidade de defesa corajosa da própria dignidade e da própria cultura. No século XVI, quando os espanhóis chegaram nas Filipinas, se admiraram em ver que as principais autoridades morais daquelas ilhas eram as “babaylan”, sacerdotisas, intermediárias entre os deuses e os homens. Foram perseguidas como bruxas pelos representantes do rei católico. Muitos descendentes destas estirpes durante a ditadura de Marcos, foram presos e torturados. A herança delas é o florescimento de associações femininas que analisam e denunciam com incansável lucidez as ligações entre a sorte tocada pelas mulheres dos seus Países e a política de quem o governa. A globalização, o turismo, a progressiva implantação de bases militares incrementaram o mercado do sexo e estão causando uma lenta destruição das culturas locais, mas sobretudo da “feminilização” da pobreza.

A secretária geral de “Gabriela”, a mais importante federação destas associações, é uma religiosa beneditina, diretora do colégio feminino de Santa Escolástica de Manila, elogiada pelas autoridades do País pelas suas batalhas e pela sua resistência ao regime de Marcos. Narra: “As mulheres Filipinas não somente resistem à globalização com manifestações, greves, ocupações, mas sobretudo criando pequenas empresas alternativas de agricultura biológica, de cultivo de plantas medicinais, de bordado e de costura, de cursos de cozinha tradicional, de classes de educação nova”. São pequenos clarões de “desenvolvimentos” que se opõem ao modelo imposto por Marcos.

PERSONAGEM:

Wangari Maathai.

É a primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel em 2004, “*pela sua contribuição no desenvolvimento sustentável, na democracia e na paz*”, como fala a motivação oficial. É empenhada numa incansável e corajosa atividade em defesa das contribuições naturais porque como ela mesma afirma,

“reconstituir o ambiente natural contribui para construir a paz, o desenvolvimento, o progresso humano. Fundou uma associação, o Green Belt Movement, com um dos programas mais eficazes em nível mundial para unir o desenvolvimento comunitário e a proteção ambiental. “Se protegermos o ambiente, termos cuidado e confiarmos às mulheres esta tarefa, as crianças receberão diretamente grandes benefícios” – afirma Wangari.

“Wangari é uma mulher que pagou pessoalmente pelo seu empenho contra a hierarquia política, em particular pelos seus ataques ao ex-presidente Kenyano Daniel Arap Moi”, narra Padre Zanotelli. “Recordo a sua acerradíssima batalha para impedir a construção de um edifício de 60 andares num parque no coração de Nairobi, que Moi desejava destinar para sede de televisões e jornais vizinhos. Na sociedade Kenyana, marcada pelo machismo, foi emocionante ver uma mulher desafiar o chefe do Estado e vencer”.

Wangari promoveu a consciência das mulheres, confiando a elas a tarefa de cuidar das feridas da terra de Kenya, em grande parte desertificada: o futuro do Kenya. Maathai é subsecretária do ministério do Ambiente no novo governo kenyota, que na eleição de 2002 derrubou o partido do presidente Moi”.

(Fonte: M. Tuininga, Mulheres contra as guerras, Paulinas – O Mundo amanhã – Agência Misna).

É VIDA

O QUE É ENGENHARIA GENÉTICA.

Podemos definir engenharia genética de maneira muito simples, como um conjunto de técnicas que permitem modificar as características genéticas dos organismos.

Estas técnicas de reprodução com manipulação do patrimônio genético do ser vivo são aplicadas e experimentadas, por exemplo, para todas as produções de alimentos OGM, geneticamente modificados.

A engenharia genética é o conjunto daquelas técnicas que permitem identificar, isolar e transferir artificialmente um gens do patrimônio genético de um organismo para aquele de um outro ser.

O uso extremo destas técnicas leva a uma clonagem de órgãos ou de animais. Nos interrogamos sobre as conseqüências destas técnicas não somente do ponto de vista moral e antropológico, mas também de um ponto de vista naturalista, porque vem aceleradas artificialmente os tempos naturais da evolução das espécies, mas não somente.

O debate levado adiante por vários estudiosos, católicos e leigos, tem a atenção centralizada, sobretudo, sobre o risco que pode nascer um novo eu genético. Um estudioso dos Estados Unidos, Fukuyama, que escreveu sobre a ética familiar asiática e valores ocidentais, fala de um perigo de um novo código genético elaborado pelos cientistas que poderia ferir os direitos humanos. “Se somos todos iguais pela lei – escreve – mas alguns de nós estamos no grau de comprar para os filhos no momento do nascimento qualidades formidáveis, inteligência, memória, saúde, de proveta, não mudará a constituição material? Tenho repugnância da idéia de considerar a natureza humana maleável, plasmando-a à vontade das elites. Então curar os doentes, e não melhorar a personalidade dos sadios”.

Na realidade pensar que se pode escolher o código genético dos próprios filhos, decidindo a altura, o sexo, a cor dos cabelos, dá um certo efeito! Que idéia de humanidade é passada? Pensemos num mundo de perfeitos, onde quem tem qualquer defeito será marginalizado e considerado nada.

Existe uma idéia de onipotência que recorda os campos de Auschwitz. Mas a verdadeira beleza não é talvez aquela que harmoniza diversidade, imperfeições, fraquezas numa esfumatura e geração original?

Glossário

DNA

Molécula responsável pela transmissão e pela expressão das características hereditárias. “DNA combinado” é uma técnica de engenharia genética que permite obter moléculas através de fragmentos provenientes de

diversos organismos. Tem aplicações no campo médico para produzir hormônios e vacinas.

CLONAGEM

Reprodução (sem fecundação, sem gametas) naturais ou artificiais, de indivíduos, gens ou células, todos idênticos entre eles, isto é, com idêntica herança cromossômica.

DIREITO DE ACESSO

DIREITO DE ACESSO A PARTILHAR.

Comunicar é partilhar,

Isto é colocar em comum com os outros.

Assumir esta definição de comunicação obriga a mudar perspectiva:

Às vezes é mais fácil decidir partilhar as nossas coisas do que nós mesmas, as nossas idéias e os nossos modos de ser.

Muitas são as reuniões que se fazem,

Poucas são aquelas nas quais temos experiências de comunicação, de partilha, de mesa de discussão do que pensamos de partilha dos nossos sentimentos e dos nossos ideais.

Partilhar é entrar em relação.

A atenção e a capacidade comunicativa implicam numa escolha de fundo que é também ligada à nossa escolha de serviço em nossa missão educativa. Pode-se decidir ocupar-se dos outros, de colocar-se em situação de escuta, de “dar voz a quem não tem”, somente se si é disposto a narrar a vida, a participar reciprocamente do que se vive com empatia discreta e solidária.

Partilhar é ocasião de crescimento, confronto, maturação, troca mas também de conflito, transtorno, embaraço lá onde faltam algumas

“competências” pessoais para entrar em contato; é necessário, por isto, promover o desenvolvimento de um correto relacionamento pessoal como base para qualquer que seja o itinerário formativo que leva a partilha.

É o próprio Carl Rogers a indicar-nos alguns pressupostos para o bom relacionamento interpessoal e para um processo de intercâmbio:

- aceitar-se pelo que se é e não pelo que se desejaria ser.
- aceitar os outros pelo que são.
- colocar-se nos lugar dos outros e compreendê-los verdadeiramente.

Partilhar é ... reciprocidade.

Partilhar é considerar o outro como um objeto interlocutor que colabora na construção da situação comunicativa. Na partilha não existe uma comunicação em sentido único, mas uma comunicação concebida na lógica da reciprocidade: todas as pessoas são e se reconhecem igualmente envolvidas na interação. Juntas partilham, juntas se modelam e se constrói a comunicação. O que comanda cada comunicação é o pacto comunicativo que se estabelece entre aqueles que se comunicam, sejam o orador que fala de modo direto com o seu interlocutor, o escritor a quem se dirige e um possível leitor, os responsáveis pela mass-mídia que plasmam a mensagem sobre a base dos gostos e das esperanças dos espectadores, os navegadores de internet que constroem pessoalmente o percurso comunicativo.

Partilhar é entrar num processo global nos quais os vários elementos se referem e se compenetraram reciprocamente até constituir uma única totalidade. Tal processo se desenvolve numa convergência de fatores para constituir a situação comunicativa própria: a colocação espaço - temporal, o conjunto dos saberes e das práticas sociais que estão por baixo, as tarefas sociais, os estados de ânimo.

PARTILHAR é ... narrar-se para construir comunidade.

A necessidade de partilhar se concretiza em narrar-se pensando no outro, a quem me confio e de quem cuido, como uma pessoa que me acolhe e que acolho, como um companheiro de caminho. Partilha-se narrando para compreender o passado, para ler o presente e projetar-se numa dimensão de orientação à ação que modifica o agir individual, de grupo e da própria comunidade. Existe uma constante mudança que leva a uma aprendizagem contínua do agir.

A partilha de significados forma a comunidade que se torna comunidade de práticas, enquanto partilha maneiras de gerir os problemas, as situações, a própria experiência de vida, como de discurso, porque partilha modalidades comuns para narrar e narrar-se os problemas, as situações, a vida para elaborar juntos novas visões da realidade. Partilham instrumentos e métodos com os quais desenvolvem as práticas características, se entram em acordo sobre o reconhecimento dos problemas e sobre as soluções, se difundem discursos comuns, léxicos, modos de falar e de construir argumentações, se criam percursos de comunhão. A partilha através da narração favorece a socialização dos conhecimentos e permite a todos tornarem públicas as próprias competências e de sintonizar com outras para atingir objetivos comuns; cria espaço de acolhida, de recíproca compreensão e de comunhão para uma visão que abre a uma comunicação de qualidade que produz vida e esperança.

Anna Mariani.

Caminho livre!

“Em suas experiências apostólicas, Dom Bosco e Maria Domingas Mazzarello criaram um vasto envolvimento de pessoas e instituições para começarem a sua obra educativa marcada por um estilo de relações familiares. Hoje reconhecemos a validade das suas instituições e a necessidade de ativar uma modalidade relacional que descubra o genuíno espírito de família segundo uma dinâmica de rede (...) Realiza-se assim uma troca vital, uma relação de reciprocidade que faz amadurecer na comunidade o sentido de pertença e doa eficácia educativa à missão” (Circ. 876, 24 maio de 2006).

Alessandra Lupoli, jovem romana, tem 33 anos e é laureada em Jurisprudência. Como *Private Banker* ocupa-se das finanças de um banco de Roma. Entre as características que a distinguem, a honestidade, a abertura em relação aos outros, o respeito ao diferente, a alegria contagiosa e a capacidade de envolver as pessoas nas obras de bem. Alessandra ama a África e a seu povo, sabe valorizar as riquezas culturais dos povos que visitou bem 10 vezes. Por isto depois de ter conhecido Ir. Ruth Cediél, missionária colombiana na inspetoria AFO, fundou a *Solid'África*, uma ONLUS que sustenta projetos de desenvolvimentos para as FMA desta inspetoria. A associação, cada ano, organiza eventos culturais e esportivos para sensibilizar e tornar conhecidas a

realidade e as necessidades das missões salesianas em Benin, Costa d’Avorio, Malí e Togo.

O encontro mais conhecido é a Copa AFO Mundial de Basquete, da qual participam mais de 300 pessoas. 10 horas de basquete com times compostos por crianças, jovens e adultos em torcida pela solidariedade.

Mas depois existem os projetos. Atualmente, além da adoção à distância, *Solid’África* iniciou a

campanha “*Um tijolo para Bamako*” para a construção da casa família que as irmãs animam na Capital de Mali. Além disso estão pensando em sustentar também o “*Pus – Pus*”, os jovens mais pobres e analfabetos que ganham a vida transportando pacotes no mercado de Dantopka, em Cotonou (Benin).

Quando o passa palavra funciona...

Maria Antonia Chinello.

CAMILA

VIVA A VIDA FRATERNA!

Em nosso percurso através das Constituições, uma outra etapa obrigatória é representada pelos artigos 49 – 50. Devemos parar de boa vontade sobre esses que abrem a sessão dedicada à VIDA FRATERNA. É a sessão mais importante! A mais.... “romântica”. Aquela que contém as palavras mais doces: amor, estima, alegria, compreensão, diálogo, amizade!

Relendo-as no fim sorrimos. Sentimos-nos oxigenadas! Nada de mais belo! Porém pelo contrário, desejaria comentá-los a minha maneira, colhendo não somente a poesia, mas a substância; talvez diga coisas já ditas e qualquer uma pensará que sou muito velha para continuar a falar... ou talvez não.

Parto de dois verbos iniciais do artigo 49: “*viver e trabalhar juntas!*” O verbo que vem primeiro é *viver*. E aqui direi: bela descoberta! Mas isto quer dizer que nós estamos juntos, sobretudo para dar-nos a vida, para promover, como se costuma dizer hoje, a vida. Ser comunidade que vivifica, sobretudo quem faz parte dela. Sem tirar por caridade a mortificação, a penitência... as quais, se sabe, não precisa procurar, chegam sozinhas. Nós devemos pensar em dar-nos vida! Iniciar cada dia com este propósito. Também o temos em nossa saudação mesmo sem uso: “Viva Jesus!” Ao lado devemos acrescentar: “Viva Ir. Maria, Viva Ir. Luisa, Viva Ir. Giovanna!”

O segundo verbo é *trabalhar* e vem depois porque é menos importante. Agora dirás que a Camila perdeu o bom uso do intelecto. Dom Bosco amava tanto o trabalho... Mas eu falo como anciã sábia. Hoje ao menos aqui na velha Europa, nós anciãs representamos a maior fileira do Instituto e não podendo mais trabalhar como antes nos sentimos.... jogadas fora. Mais mortas do que vivas. E mais ainda quando vemos as jovens que correm, correm, se cansam, ficam meio mortas, porque são poucas e devem trabalhar também por nós... e sentimos culpa... Mais mortas do que vivas! E então, como acontece sempre quando queremos nos defender dizemos que nós nessa idade trabalhávamos o dobro ou o triplo... e que elas são frágeis, como os jovens de hoje!

Mas quando compreenderemos que não estamos juntas para trabalhar? Às vezes tenho vontade de ir dizer às nossas superiores, e de fato vou, mas as encontro ali... mortas também elas pelo muito trabalho e assim termino rezando um terço a mais! Que é melhor...

No artigo 50 fala-se, sobretudo do espírito de família, mas a coisa que me atinge mais é uma outra: convida-se a FMA *a viver o amor fraterno não somente nas grandes ocasiões, mas, sobretudo nas circunstâncias ordinárias da vida*. As grandes ocasiões são Natal, Páscoa, a festa de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, a festa da gratidão... Mas quem não é bom no Natal e na Páscoa? Nestes dias o amor é quase sem medida. No sentido que custa pouco. Sentimos-nos em condições de saudar, sorrir, abraçar a todos. Mas eu creio mais no amor de segunda-feira de manhã... Somente este, deixe-me dizer, faz nascer vocações!

Convicções de Camila.

FORUM

“Espírito de família força criativa do coração de Dom Bosco” (art. 50).

O que pensas desta definição contida em nossas Constituições?

Narre um pouco uma experiência que te fez experimentar o espírito de família...

PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ: Ser filhas. Uma presença que nos acompanha?

Maria, Mãe de Deus e da Igreja é ativamente presente em nossa vida e na história do Instituto.

EM BUSCA: Outra economia

Pouco dinheiro... grande esperança.

Vozes de Mulher.

AIDS: uma coisa de mulheres.

COMUNICAR: Direito de acesso.

`A ação – participação.

Fórum.

A presença de Maria.

Pensamento:

“A coisa mais importante é não pensar muito e amar muito; por este motivo faz o que te leva a amar” (Santa Teresa D’Avila).